

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

2ª SÉRIE

1º BIMESTRE

AUTORIA

FERNANDA GONCALVES DE LAIA

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O romance *Iracema*, de José de Alencar, foi publicado em 1865 e simboliza o encontro entre europeus e indígenas, base da formação do povo brasileiro, segundo a visão da época.

Com *Iracema*, Alencar apresenta a lenda da fundação do Ceará, simbolizada pelo relacionamento amoroso de Iracema, jovem da tribo dos Tabajaras, e Martim, um dos colonizadores portugueses que aportam na região.

Martim enamora-se de Iracema. Como guardião do segredo da Jurema, a jovem tabajara deve permanecer virgem. O amor entre a índia e o português, porém, supera os obstáculos e Iracema abandona sua tribo para viver com Martim. Dessa união, nasce Moacir (nome que significa “*filho da dor*”), que representa a formação do povo brasileiro, fruto da miscigenação do sangue indígena com o português.

Iracema

Capítulo I

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcione buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

— Iracema !

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra; a espaços o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre o jirau, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.

Nesse momento o lábio arranca d'alma um agro sorriso

Que deixara ele na terra do exílio?

Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares.

Refresca o vento.

O rulo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas e desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje nalguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas auras; e para ti jaspeie a bonança mares de leite!

Enquanto vogas assim à discrição do vento, airoso barco, volta às brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa.

Capítulo II

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu ?" onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara, o pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela As vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru te palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá , as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada, mas logo sorriu.

O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

[...]

ALENCAR, José de. Iracema. 36ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002, p.15-17.

VOCABULÁRIO

Agro: que demonstra dor ou mágoa.

Alción: ave mitológica considerada pelos gregos como sinal de boa sorte, porque procurava o mar calmo para fazer seu ninho.

Aljôfar: gota.

Ará: periquito.

Auras: ventos amenos.

Crautá: bromélia da qual se tiram fios.

Esparziam: espalhavam.

Ignotas: estranhas, desconhecidas.

Jandaia: designação comum a várias aves semelhantes, como papagaios e periquitos.

Jaspeie: dê a algo o aspecto de jaspe, pedra ornamental de múltiplas cores.

Jati: pequena abelha que produz mel bem doce.

Jirau: estrado suspenso do chão por forquilhas.

Juçara: palmeira de grandes espinhos.

Matizada: tingida de diversas cores.

Oitica: árvore frondosa.

Perlongando: estendendo-se ao longo de.

Poje: desembarque.

Rafeiro: cão pastor.

Roreja: banha gota a gota.

Rugitava: sussurrava.

Rulo: arrulhar.

Terral: vento fraco, que sopra da terra para o mar durante a noite.

Uiraçaba: estojo de flechas; aljava.

Uru: cestinho.

Vaga: onda.

Veloce: (pouco usado) veloz.

TEXTO GERADOR II

Iracema

Capítulo XV

[...]

— *Virgem formosa do sertão, esta é a última noite que teu hóspede dorme na cabana de Araquém, onde nunca viera, para teu bem e seu. Faze que seu sono seja alegre e feliz.*

— *Manda; Iracema te obedece. Que pode ela para tua alegria?*

O cristão falou submisso, para que não o ouvisse o velho Pajé:

— *A virgem de Tupã guarda os sonhos da jurema que são doces e saborosos!*

Um triste sorriso punziu os lábios de Iracema:

— *O estrangeiro vai viver para sempre à cintura da virgem branca; nunca mais seus olhos verão a filha de Araquém, e ele já quer que o sono feche suas pálpebras, e que o sonho o leve à terra de seus irmãos!*

— *O sono é o descanso do guerreiro, disse Martim; e o sonho a alegria d'alma. O estrangeiro não quer levar consigo a tristeza da terra hospedeira, nem deixá-la no coração de Iracema!*

A virgem ficou imóvel.

— *Vai, e torna com o vinho de Tupã.*

Quando Iracema foi de volta, já o Pajé não estava na cabana; tirou a virgem do seio o vaso que ali trazia oculto sob a carioba de algodão entretecida de penas. Martim lhe arrebatou das mãos, e libou as gotas do verde e amargo licor.

Agora podia viver com Iracema, e colher em seus lábios o beijo, que ali viçava entre sorrisos, como o fruto na corola da flor. Podia amá-la, e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

O gozo era vida, pois o sentia mais forte e intenso; o mal era sonho e ilusão, que da virgem não possuía senão a imagem.

Iracema afastara-se opressa e suspirosa.

Abriam-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente.

A juruti, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro; bate as asas, e voa a conchegar-se ao tépido ninho. Assim a virgem do sertão, aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veio a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada, qual borboleta que dormiu no seio do formoso cacto. Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores; e como entre os arrebóis da manhã cintila o primeiro raio do sol, em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruído amor.

A jandaia fugira ao romper d'alva e para não tornar mais à cabana.

Vendo Martim a virgem unida ao seu coração, cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para torná-los a abrir.

A pocema dos guerreiros, troando pelo vale, o arrancou ao doce engano; sentiu que já não sonhava, mas vivia. Sua mão cruel abafou nos lábios da virgem o beijo que ali se espanjava.

— Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu deles sua alma. Na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho da jurema.

A filha de Araquém escondeu no coração a sua ventura. Ficou tímida e inquieta, como a ave que pressente a borrasca no horizonte. Afastou-se rápida, e partiu.

As águas do rio banharam o corpo casto da recente esposa.

Tupã já não tinha sua virgem na terra dos tabajaras

[...]

ALENCAR, José de. Iracema. 36ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002, p.44-46.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 1

As diversas comparações e metáforas presentes ao longo do romance Iracema são responsáveis pela criação do tom poético da obra. É possível, no trecho lido, verificar uma integração entre as ações e descrições das personagens e os elementos da paisagem. Releia:

“Quando veio a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada, qual borboleta que dormiu no seio do formoso cacto. Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores; e como entre os arrebóis da manhã cintila o primeiro raio do sol, em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruído amor”.

- a) A manhã que surge ainda encontra a índia junto de Martim. Em seu rosto brilha um sorriso, o “primeiro sorriso de esposa”. A que elemento da paisagem é comparado o sorriso de Iracema?
- b) O que essa comparação revela sobre esse momento da vida de Iracema?

Habilidade trabalhada

Identificar as figuras de linguagem presentes na estética romântica.

Resposta comentada

- a) Para responder esta questão, é importante que o aluno saiba que a comparação consiste na aproximação entre dois objetos por meio de uma característica semelhante entre eles, dando a um as características do outro e ligados por conectivos explícitos.

O sorriso de Iracema é comparado ao primeiro raio do sol que cintila entre os arrebóis da manhã.

*“Quando veio a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada, qual borboleta que dormiu no seio do formoso cacto. Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores; e **como entre os arrebóis da manhã cintila o primeiro raio do sol**, em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruído amor”.*

- b) A comparação enfatiza a nova condição de Iracema, que nasce para uma nova vida. Ela não é mais a virgem de Tupã, ela traz agora o “*primeiro sorriso de esposa*”.

QUESTÃO 2

Coesão textual é um mecanismo que permite unidade entre as diversas partes que compõem o texto.

Há, portanto, coesão, quando seus vários elementos estão articulados entre si, estabelecendo unidade em cada uma das partes, ou seja, entre os períodos e entre os parágrafos.

Tal unidade se dá pelo emprego de conectivos ou elementos coesivos, cuja função é evidenciar as várias relações de sentido entre os enunciados.

Releia o trecho a seguir:

O gozo era vida, pois o sentia mais forte e intenso; o mal era sonho e ilusão, que da virgem não possuía senão a imagem.

No trecho acima, identifique qual palavra o termo em destaque substitui e que tipo de coesão foi empregada.

Resposta comentada

Antes de corrigir esta questão, é interessante diferenciar coesão referencial de coesão sequencial.

A coesão referencial é aquela responsável por evitar as repetições entre as palavras, utilizando-se de recursos que façam referência a termos que vêm antes (função anafórica) ou depois (função catafórica) do mecanismo de coesão. Os recursos utilizáveis são inúmeros; entre os principais, temos os pronomes, os epítetos, os termos- síntese, os sinônimos, os advérbios e os numerais.

A coesão sequencial, como o próprio nome sugere, é responsável pelo sequenciamento ou andamento do texto. É ela que estabelece as principais ligações entre as partes, permitindo a manifestação mais concreta da coerência textual. Entre os principais recursos, destacam-se as frases de apoio, os conectivos (ou conectores) e os “ganchos semânticos”.

O termo destacado, **o**, completa o verbo “sentir” e faz referência ao “gozo”, evitando a sua repetição. Trata-se, portanto, do emprego da coesão referencial.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. **Iracema**. 36ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SARMENTO, Leila Lauer & TUFANO, Douglas. **Português: Literatura, gramática , produção de texto**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2010.

RESULTADO DA IMPLEMENTAÇÃO DO ROTEIRO DE ATIVIDADES

Neste segundo ciclo, tive muitos problemas para implementar os roteiros de atividades. Nunca pensei que sentiria falta de um mimeógrafo. Parece retrógrado, mas este aparelho ainda nos tira do sufoco. Infelizmente, nas escolas, ele foi extinto. Então, para reproduzir os textos, tive que custear as cópias.

Para compor o R.A. original, escolhi o romance *Iracema*, pois a escola tem um grande número dessa obra e isso ajudou bastante.

Iniciei o trabalho deste segundo ciclo com o roteiro apresentado na plataforma, precisei adaptar algumas questões, mas consegui trabalhar o essencial. Fiz mais uma revisão sobre as classes de palavras e reforcei os tipos de coesão.

Já no R.A. original, foquei a resenha, pois os alunos fizeram a leitura do romance *Iracema*. Fiquei muito satisfeita, pois fiz com eles um roteiro de leitura que deu certo. Alguns alunos tiveram dificuldades para fazer a atividade de produção textual, mas a maior parte da turma desenvolveu bem o trabalho proposto.

Mesmo com as dificuldades apresentadas, consegui dar conta do conteúdo e tive um bom “*feedback*” dos alunos.